

#cm

2

FIM DE SEMANA

O mais brasileiro dos portugueses

António Zambujo gosta de cruzar o Atlântico. Desta vez **o cantor português inicia no Circo Voador** a turnê brasileira de lançamento do **álbum “Oração ao Tempo”**. Habitado a gravar **compositores brasileiros, o artista mostra sua versão** para a faixa-título, uma das **mais belas criações de Caetano Veloso**. **Seu filho Diogo abre a noite e Chico Chico** fará participação especial ao lado deste **alentejano de alma brasileira**. Página 2

Um intérprete que une sensibilidade e precisão

Rita Carmo/Divulgação

António Zambujo apresenta seu novo álbum 'Oração ao Tempo' neste sábado no Circo Voador

AFFONSO NUNES

O português António Zambujo chega ao Rio de Janeiro no sábado, 16 de maio, para lançar "Oração ao Tempo", seu 11º álbum de estúdio, em uma apresentação que marca o encontro entre duas gerações da música portuguesa e a consolidação de uma relação profunda com o Brasil. Chico Chico faz participação especial durante o show. O show no Circo Voador é o primeiro de uma turnê que passa por 12 cidades brasileiras.

A noite começa com Diogo Zambujo, filho de António, que faz sua estreia no Circo Voador abrindo o show. Após lançar "Escutando o Universo" em parceria com o pai em 2021 — uma canção de sua autoria interpretada por António —, o artista agora segue carreira solo. Seus singles recentes, como "O Mundo Sou Eu" e "Amor Sem Nome", revelam influências que transitam entre rock, jazz e música brasileira.

Um dos momentos mais esperados da noite certamente será a execução da versão de António Zambujo para "Oração ao Tempo", canção de Caetano Veloso, que dá nome a este álbum concebido ao longo dos últimos anos a partir de reflexões iniciadas durante a pandemia. O disco propõe um olhar sensível sobre a passagem do tempo, seu aproveitamento e a importância de desacelerar para fazer melhor.

Dentro desse contexto, gravar a canção lançada por Caetano em 1979 era uma escolha natural. A faixa foi gravada em dueto com



António Zambujo começou a cantar nos clubes de fado de Lisboa, mas logo abraçou novas influências, principalmente brasileiras

“Esse disco vem sendo pensado há vários anos, quase sem se dar conta. Começou na pandemia, com a canção 'Pequenos Prazeres', e acabou por nascer dessa reflexão sobre o tempo”

ANTÓNIO ZAMBUJO

o baiano em seu estúdio no Rio, um encontro que o português descreve como “honroso”. “Este disco vem sendo pensado há vários anos, quase sem dar conta. Começou na pandemia, com a canção 'Pequenos Prazeres', e acabou por nascer desta reflexão sobre o tempo, sobre valorizá-lo, aproveitá-lo e fazer as coisas devagar. Não é tanto fazer menos, mas fazer menos para fazer melhor”, explica Zambujo.

Com 15 faixas, o álbum reúne composições inéditas e parcerias

recorrentes na trajetória do artista: Maria do Rosário Pedreira, João Monge e Pedro da Silva Martins, além de nomes da nova geração portuguesa como Carolina Deslandes, Mimi Froes e Rita Dias. Diogo Zambujo também participa como compositor. O trabalho inclui releituras de Tom Jobim e Torquato Neto, além de poemas de Vinicius de Moraes, Amalia Bautista e João Paulo Esteves da Silva, incorporados à narrativa do disco. A produção e arranjos são de André Santos,

que também integra a banda.

A relação de Zambujo com a música brasileira é progressiva e aprofundada. Começou com a bossa nova — João Gilberto, Tom Jobim, Vinicius de Moraes, passou por Roberto e Erasmo Carlos — e evoluiu para uma relação mais intensa com Caetano Veloso e especialmente com Chico Buarque. Em 2016, lançou “Até Pensei Que Fosse Minha”, álbum inteiro dedicado a Chico, apresenta um intérprete que compreende a densidade poética e a delicadeza emocional que a obra buarqueana exige. “Oração ao Tempo” vai na mesma linha.

No palco do Circo, Zambujo será acompanhado pelos músicos João Salcedo (piano), Bernardo Couto (guitarra portuguesa), João Moreira (trompete), Francisco Brito (contrabaixo), José Conde (clarinete baixo) e André Santos (guitarra). A formação apresenta o novo repertório ao lado de canções marcantes da discografia de Zam-

bujo, conhecido por haver encontrado um fértil terreno interpretativo capaz de abraçar as tradições musicais portuguesa e brasileira com sensibilidade, delicadeza, precisão e forte carga emocional.

Nascido em Beja, no Alentejo, Zambujo é um dos maiores representantes da música portuguesa contemporânea. Seu percurso começou traçado entre o fado e o cante alentejano — influências que cresceram com ele desde a infância — nos clubes da fado de Lisboa, mas rapidamente recusou ficar preso a gêneros e escolas musicais como se vê em seu novo trabalho.

SERVIÇO

ANTÓNIO ZAMBUJO —
ORAÇÃO AO TEMPO

Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº — Lapa)
16/5, a partir das 20h (abertura dos portões)
Ingressos a partir de R\$ 160 e R\$ 80 (meia)



Hay Ramos/MCA Concerts

Único integrante da formação original da banda, Colin Hay, aos 72 anos, segue mantendo o legado do Men At Work, referência mundial no cenário pop rock dos anos 1980

Um clima oitentista no ar

Colin hay volta ao Brasil com uma nova formação do Men At Work, banda de vida curta mas com a mala repleta de sucessos

AFFONSO NUNES

O Men At Work está de volta ao Brasil. A banda australiana que marcou presença nas rádios e videoclipes dos anos 80 retorna ao país para uma turnê que passará por seis cidades. A apresentação no Rio será neste sábado (16). Não veremos a banda original, mas seu líder, Colin Hay que, aos 72 anos, ainda canta com firmeza suficiente para manter intactas os grandes sucessos da banda que



Divulgação

Colin Hay (de colete) e os integrantes da formação original da banda, que se desfez em 1985

surfou no seu período de auge e ainda funcionam no palco.

Formado em Melbourne em 1979, o Men At Work conquistou o mundo com um som que misturava pop rock, reggae e new wave. O grupo ganhou visibili-

dade internacional no início dos anos 1980, quando seu álbum de estreia, "Business as Usual" (1981), estabeleceu um recorde impressionante: 15 semanas consecutivas no topo da parada americana. Dois singles do dis-

co — "Who Can It Be Now?" e "Down Under" — chegaram ao número 1 em diversos países, incluindo Estados Unidos, Reino Unido e Austrália, tanto que seguem vivos nas playlists até hoje.

A trajetória inicial da banda

foi meteórica. Em 1983, o Men At Work recebeu o Grammy Award de Melhor Artista Revelação, firmando-se como fenômeno global. Além disso, conquistou a distinção de ser o primeiro grupo australiano a ter simultaneamente um álbum e um single no número 1 das paradas americanas e britânicas. Ao longo de sua primeira fase, lançou três álbuns de estúdio e diversas compilações, acumulando mais de 30 milhões de discos vendidos em todo o mundo. Porém, apesar do sucesso, a banda se desfez em 1985, apenas quatro anos após seu apogeu.

Colin Hay, vocalista, guitarrista e compositor principal do grupo, seguiu carreira solo de relevo, atuando inclusive como membro da All Starr Band de Ringo Starr. Em 1996, ele se reuniu com Greg Ham, tecladista e saxofonista original, para recriar o Men At Work. Durante 16 anos, a dupla percorreu dezenas de países com apresentações que resgatavam os sucessos da banda. A morte de Ham em 2012 interrompeu novamente as atividades. Mas em 2019, Hay retomou o projeto com um novo grupo de músicos baseado em Los Angeles, retornando aos palcos com o repertório clássico do grupo.

A decisão, segundo o próprio Hay, veio após uma reflexão durante sua participação na All Starr Band de Ringo Starr no verão do Hemisfério Norte. "Cada noite tocávamos os sucessos uns dos outros, e o apetite da plateia por essas antigas canções era insaciável. Comecei a me perguntar sobre a viabilidade de montar uma turnê com minha banda tocando principalmente essas queridas e antigas canções", explicou Hay em entrevistas à imprensa internacional. "Sei o quanto muitos fãs amam os antigos sucessos do Men At Work, e eu realmente gosto de tocá-los. O tempo de banda foi curto, mas poderoso", completou.

E desde então, o Men At Work tem reunido públicos expressivos em turnês internacionais, provando que suas músicas resistiram ao teste do tempo, a despeito de críticas negativas publicadas na imprensa internacional. O setlist da turnê brasileira incluirá os maiores hits: "Who Can It Be Now?", "Down Under", "Be Good Johnny", "Underground", "High Wire", "Overkill", "It's a Mistake", "Dr. Heckyll and Mr. Jive", "Everything I Need", "Maria" e "Man with Two Hearts", entre outras. O brilho dos sucessos do grupo justifica as turnês pelo mundo.

SERVIÇO

MEN AT WOK

Qualistage (Via Parque Shopping - Av. Ayrton Senna, 3000, Barra da Tijuca)
16/5, às 22h
Ingressos a partir de R\$ 250

'Gosto de estar com os meus músicos e trocar essa energia'

Após fase intimista, Isabella Taviani retorna com show de banda no Teatro Claro Mais nesta sexta

AFFONSO NUNES

Se é para cantar o amor pode chamar Isabella Taviani. A cantora e compositora sobe ao palco do Teatro Claro Mais nesta sexta-feira (15), às 21h, para apresentar "Confissões (de Amor)", novo show que marca uma mudança de formato na carreira da cantora e compositora. Depois de um período dedicado a apresentações intimistas em voz e violão, Taviani retorna ao palco acompanhada por banda. "O novo show nasce desse lugar: de abrir o coração e dividir essas histórias de forma ainda mais intensa ao vivo", avisa.

O espetáculo apresenta faixas do EP homônimo, lançado em 2025, que reúne cinco composições autorais explorando o universo afetivo ao tratar de encontros, desencontros, saudade e esperança. O novo traba-



Isabella Taviani no show 'Confissões de Amor', com canções de seu novo EP autoral

lho marca o primeiro volume de uma série planejada, também chamada "Confissões". Ao mesmo tempo, a apresentação revisita sucessos da trajetória de Taviani, que iniciou sua carreira em 1992 com participações em projetos musicais no Rio e consolidou seu nome com o álbum de 2003, que trazia "Digitais", "Canção Para Um Grande Amor", "O Farol" e "Foto Polaroid" — onze das treze

faixas compostas por ela.

Ao longo de mais de duas décadas, Taviani construiu uma carreira marcada pela força emocional e melódica, com sucessos como "Diga Sim Pra Mim" e "Luxúria", que integram o repertório de shows e continuam presentes na memória do público. Seu percurso inclui diversos álbuns — entre eles "Eu Raio X" (2012), "Carpenters Avenue"

(2016) e "A Máquina Do Tempo" (2020).

Voltar ao palco com banda tem um sabor muito especial para Taviani depois de um período de shows mais íntimos, em voz e violão, mas que nunca a deixaram vulnerável no palco. "Não me sinto vulnerável ao violão, mas retornando a um lugar de origem onde eu sempre trabalhei com violão, fazendo música ao vivo

início da minha carreira. Ao violão com a plateia e no palco sozinha, me sinto muito bem, muito segura, gosto dessa troca que eu tenho com o público", explica ao Correio da Manhã. "A questão da banda é que depois de dois anos fazendo essa turnê de voz e violão, eu precisava me sentir mais livre do instrumento, tratar de uma outra sonoridade, trocar a experiência com os colegas em cena. E não é que isso me deixa mais segura às vezes até me deixa mais insegura. Mas este show em particular, ele tá fluindo com muita facilidade e eu gosto de estar com os meus músicos, os meus parceiros e trocar essa energia sempre durante o palco e do palco e após o espetáculo espetáculo também", completa.

"Confissões (de Amor)" integra uma turnê que leva o novo EP a diferentes cidades. A apresentação no Rio reúne novas composições e sucessos que marcaram sua trajetória, passando pela MPB, pop e canções românticas — gêneros que sempre caracterizaram o trabalho de Taviani, uma artista que sabe exatamente o que seu público quer e entrega no palco tudo que dela se espera.

SERVIÇO

ISABELLA TAVIANI — CONFISSÕES (DE AMOR)
Teatro Claro Mais (Shopping Cidade Copacabana - Rua Siqueira Campos, 143, 2º piso) 15/5, às 21h
Ingressos a partir de R\$ 60

Sandra Pêra revisita Gonzaguinha

Cantora leva ao Blue Note Rio repertório de seu álbum dedicado ao compositor

Sandra Pêra sobe ao palco do Blue Note Rio neste sábado (16), às 20h, para apresentar "Eu Apenas Queria Que Você Soubesse", show que revisita a obra de Luiz Gonzaga Jr., o Gonzaguinha. O espetáculo baseia-se no álbum homônimo lançado pela Biscoito Fino em homenagem aos 80 anos de nascimento do compositor, que morreu em 1991, aos 45 anos, em acidente automobilístico no Paraná.

O repertório traz entre sucessos como "O Que É, O Que É?", "Explode Coração" e "Começaria Tudo Outra Vez", e composições menos conhecidas do cancioneiro de Gonzaguinha, como "Morro de Saudade" e "Borboleta Prateada". A canção que intitula o pro-

jeto foi dedicada pelo compositor à própria Sandra, com quem teve sua única filha, Amora Pêra. Hoje, Amora assina a direção geral do espetáculo ao lado de Paula Leal.

Sandra também inclui no show "A Felicidade Bate À Sua Porta", primeiro sucesso do grupo As Frenéticas, do qual fez parte nos anos 1970. A canção, composta por Gonzaguinha, estourou nas rádios quando o grupo a gravou em 1977, marcando o início da carreira de Sandra como uma das cantoras do grupo.

A banda formada por Lourenço Vasconcellos, Pedro Moraes, Rodrigo Lima e João Bittencourt trabalha arranjos que atualizam a sonoridade das composições sem

SERVIÇO

SANDRA PÊRA — EU APENAS QUERIA QUE VOCÊ SOUBESSE
Blue Note Rio (Av. Av. Atlântica, 1910) | 16/5, às 20h. A partir de R\$ 60



Ana Alexandrino/Divulgação

perder de vista a dramaticidade da escrita de Gonzaguinha. O compositor oscilou entre o lirismo amoroso e a crítica social que soube bater de frente com a ditadura militar, criando um repertório que continua relevante e tocante para plateias contemporâneas. "Estar no palco com o repertório do Gonzaga é um desafio que me move. São canções que pedem entrega e sensibilidade, e me sinto motivada e feliz para vivê-las no palco", afirma Sandra.

Gonzaguinha iniciou sua carreira artística no final dos anos 1960, participando da cena musical universitária carioca ao lado de Ivan Lins e Aldir Blanc, entre outros. Sua obra consolidou-se ao longo dos anos 1970 e 1980, com composições que se tornaram clássicos da MPB e da música popular brasileira, influenciando gerações de artistas. O show de Sandra representa uma continuidade dessa herança, trazendo para o palco contemporâneo as questões e emoções que marcaram a escrita de Gonzaguinha. (A. N.)

Myrna Herzog e o Ensemble Phoenix voltam ao Brasil exploram música antiga em três programas entre maio e outubro

AFFONSO NUNES

Considerado por Myrna Herzog, o Ensemble Phoenix estreia no Brasil a temporada “Viagem no Tempo”, sua primeira série de concertos no país após duas décadas de atuação internacional. Com dez apresentações entre maio e outubro no Rio de Janeiro, Niterói e Petrópolis, o grupo propõe um percurso pela música de câmara em diferentes formações, utilizando instrumentos de época — alguns deles originais do século XVIII — e apresentações comentadas que contextualizam as obras e seus compositores.

A série divide-se em três programas temáticos. “Plantas Exóticas: Amor por Telemann, Haendel e Amigos” abre a temporada nesta sexta-feira (15), no Teatro Solar de Botafogo, e retorna no domingo (17), com apresentação no Midrash, na Barra da Tijuca, e no 20 no Theatro Municipal de Niterói.

Este programa inspira-se na correspondência entre Georg Philipp Telemann, Georg Friedrich Haendel e Carl Heinrich Graun — compositores que trocavam não apenas ideias musicais, mas também sementes e espécimes botânicos de diferentes partes do mundo. O repertório reúne obras dos três mestres, uma suite floral de James Oswald (1755) com jacintos, tulipas e anêmonas — flores que Telemann cultivava em seu jardim em Hamburgo — além de composições de Eduardo Antonello e Antonio Callado que trazem “espécies” brasileiras para o diálogo.

Em agosto, a série retorna com “Conversa Galante: A Música dos Saraus”, que recria a tradição dos saraus trazida pela família real portuguesa ao Rio em 1808. O programa une repertórios antigos e modernos, europeus e nacionais, com obras de Chiquinha Gonzaga, Vilani-Côrtes, Locatelli, Bach pai e filho e Telemann. O terceiro programa, “O Teatro da Cura: Música e Medicina”, encerra a temporada em outubro com um retrato musical da medicina e dos médicos dos séculos

Conversas musicais ao modo barroco

Divulgação



Myrna Herzog (no alto à direita) dirige o Ensemble Phoenix, grupo especializado em música antiga com instrumentos de época

XVI a XVIII, incluindo obras de Vivaldi, Marin Marais, Athanasius Kircher, Charpentier, Kuhnau, Lully e François Couperin.

Fundado em 1998 em Israel e hoje também sediado no Rio, o Ensemble Phoenix é dirigido pela violista da gamba Myrna Herzog, pioneira do instrumento no Brasil. Myrna foi a primeira gambista profissional do país, fundando o primeiro curso de viola da gamba e a primeira orquestra barroca brasileira, a Academia Antiqua Pró-Arte. Sua atuação como solista estendeu-se por 25 países, incluindo apresentações com a Filarmônica de Israel, e como regente dirigiu óperas e oratórios em instituições como a Royal Academy of Music de Londres. Sua pesquisa acadêmica resultou em artigos publicados em pe-

riódicos de prestígio e no New Grove Dictionary of Music and Musicians.

O Ensemble Phoenix consolidou-se como referência mundial na música antiga, com 17 álbuns e dezenas de vídeos disponíveis em plataformas digitais. O grupo tem tido papel fundamental na divulgação da música brasileira no exterior, com destaque para a única gravação mundial do “Credo”, do imperador Pedro I em instrumentos históricos e importantes obras do padre José Maurício Nunes Garcia (1767-1830). A discografia de Herzog reúne 22 gravações como regente e intérprete na viola da gamba, quinton, vielle e violoncelo barroco e moderno.

Para os concertos de maio, o Ensemble Phoenix conta com

a participação de Tomaz Soares (violino barroco), Gabriel Ferrante (flauta transversa barroca), Fernando Thebaldi (viola barroca), Eduardo Antonello (cravo e órgão) e Myrna Herzog (viola da gamba).

“Concebi esta série como uma viagem turística pelo Tempo. Utilizando o som inigualável dos instrumentos de época como máquina propulsora, cada concerto nos leva a um mundo diferente: em ‘Plantas Exóticas’ vamos visitar a paixão dos europeus Telemann, Handel e Graun pelas descobertas botânicas do Novo Mundo; em ‘Conversa Galante’, vamos fruir a música dos saraus; e finalmente em ‘O Teatro da Cura’, vamos visitar a medicina e os médicos dos séculos 16, 17 e 18. Tudo com muito bom humor, sempre dialogando como o

presente, com o Brasil – e com a qualidade que se tornou sinônimo do nosso nome”, comenta a instrumentista.

SERVIÇO

ENSEMBLE PHOENIX — VIAGEM NO TEMPO

15/5, às 20h, no Teatro Solar de Botafogo (Rua General Polidoro, 180).
17/5, às 17h, no Midrash (Rua Corrêa de Araújo, 220 Barra da Tijuca). Ingressos: R\$ 220 e R\$ 110 (meia) e R\$ 130 (solidário, com R\$ 20 destinados à instituição beneficente Obra do Berço)
20/5, às 19h, no Theatro Municipal de Niterói (Rua Quinze de novembro, 35 - Centro). Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

O bandolim que viaja no tempo

Hamilton de Holanda leva repertório de clássicos brasileiros ao Sextas Instrumentais do Espaço BNDES

AFFONSO NUNES

Hamilton de Holanda chega ao palco do Sextas Instrumentais nesta sexta-feira (15) com um espetáculo que percorre décadas da música brasileira. “Por Que Tanta Gente Gosta?” reúne composições que marcaram sua trajetória, misturando clássicos de Chico Buarque, Tom Jobim e Pi-



Divulgação

Hamilton de Holanda, um virtuoso que redefiniu a sonoridade do bandolim ao adicionar duas cordas ao instrumento

xinguinha com temas autorais que consolidam sua linguagem musical.

O carioca Hamilton começou aos cinco anos com o bandolim e aos seis já se apresentava em programas de TV. Desde então, construiu uma carreira que o levou aos principais palcos internacionais — Kennedy Center, festivais eu-

ropeus e salas de concerto ao redor do mundo. Sua contribuição mais significativa foi a reformulação do bandolim de 10 cordas, instrumento que ele desenvolveu ao longo de 14 anos, adicionando duas cordas à configuração tradicional e criando novas possibilidades técnicas e sonoras.

O músico acumula prêmios que comprovam seu reconhecimento internacional. É vencedor de múltiplos Latin Grammys — a mais recente vitória foi em 2024, na categoria Melhor Álbum Instrumental, com o disco “Live in NYC” ao lado do C4 Trío. Também recebeu uma indicação ao Grammy tradicional.

Sua discografia inclui lançamentos em selos como Universal, ECM e MPS, além de sua própria gravadora independente, a Brasilianos.

O repertório selecionado pelo músico, que se apresentará sem acompanhamento, mescla gêneros. Abre com “Construção” e “Deus Lhe Pague” de Chico Buarque, passa por composições de Egberto Gismonti, Baden Powell e Vinícius de Moraes, e inclui peças autorais como “Choro Fado” e “Afro Choro”. O encerramento fica com “Deus é Amor pra Tudo que é Fé”, também de sua autoria. A seleção evidencia como Holanda domina as linguagens do choro tradicional, do samba, da bossa nova e do jazz, sempre com forte carga de improviso.

O diferencial do trabalho de Hamilton está justamente em sua capacidade de improvisação, que explora variações sonoras em melodias conhecidas, mas sem tirar a essência das composições originais. Holanda segue como um dos maiores representantes da música instrumental brasileira contemporânea, mantendo vivo o legado do choro enquanto o expande para novos territórios musicais.

SERVIÇO

HAMILTON DE HOLANDA - POR QUE TANTA GENTE GOSTA?

Espaço Cultural BNDES (Av. Chile, 100 - Centro) 15/5, às 19h

Entrada franca, com retirada de senhas a partir das 18h30

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

A força da música baiana no Blue Note

Emanuelle Araújo lança “Corra Para O Mar” neste sábado (16), às 22h30, no Blue Note Rio. O álbum resgata ritmos afro-baianos e a estética dos anos 1990, com produção de Kassin e mixagem de Michael Brauer. No palco, acompanhada por Pedro Sá, Kassin, Danilo Andrade, Leo Reis e Lan Lanh, a artista homenageia a força cultural de Salvador através do axé pop, blocos afro e percussão baiana.



Divulgação

O rap eclético de Don L no Circo Voador

O rapper Don L apresenta seu álbum “Caro Vapor II - qual a forma de pagamento?” no Circo Voador nesta sexta (15), às 22h. O disco, sequência do clássico “Caro Vapor/Vida e Veneno”, reúne 15 faixas que mesclam rap com influências brasileiras e latinas. A obra foi indicada ao Prêmio da Música Brasileira e venceu a categoria Melhor Álbum de Rap no prêmio Tenho Mais Discos do Que Amigos.



Bel Gandolfo/Divulgação

João Sabiá mostra suas canções no Rival

O cantor e compositor João Sabiá apresenta nesta sexta (15), às 19h30, no Teatro Rival Petrobras, seu show “Baile do Sabiá”, com aulão de samba de gafeira e pista de dança antes do artista subir ao palco. Nascido e criado na efervescência de Copacabana, o artista mistura sambalão, bossa nova, pop, soul e jazz em seu elogiado trabalho autoral.



Serginho Gomes/Divulgação

Técnica e inovação na harmônica

Desenvolvedor do cromatismo na harmônica diatônica, permitindo executar qualquer música com uma única harmônica afinada em dó, o gaitista Otávio Castro se apresenta neste sábado (16), às 21h30, no Beco das Garrafas. Filho do compositor Everardo Castro, fundador do Clube de Jazz e Bossa nos anos 60, o Otávio é reconhecido internacionalmente por técnicas inovadoras no instrumento.



Felipe Diniz/Divulgação

CRÍTICA TEATRO

NELSON RODRIGUES - O PASSADO SEMPRE TEM RAZÃO

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

○ censurado de sucessos

Nelson Rodrigues encontra-se na galeria dos Sófocles, Shakespeare, Strindberg, Pirandello, dos O'Neill, e como maior representante da dramaturgia teatral brasileira, permanecerá atemporal, já que explana a alma humana. Reverenciado pela pluralidade de sua obra, atravessa-nos pela multiplicidade de suas ideias. Nossas falhas, idiosincrasias, maldades, invejas, traições, instabilidades sempre estiveram na sua escrita, insistentemente censurada.

Carlos Jardim acerta em lembrar citações rodrigueanas, que juntamente às obras indissolúveis, organizam seu texto. “Toda unanimidade é burra”, “O berço é a primeira experiência na sepultura”, “A vida é mais profunda depois da Praça Saens Pena”, são algumas das pérolas deliberadas. Trazer à tona o emblemático “Vestido de Noiva”, que modernizou o teatro no país em 1943, aclamando seu inventor, além de expor as vaías em “Perdo-me Por Me Traíres”, é adequado para desvelar o quanto Nelson foi amado e vilipendiado. Todavia, o autor do referido espetáculo dilui sua dramaturgia alicerçando suas ideias num campo jornalístico, desviando-se da ação dramática. Ao detectarmos uma carpintaria

dramatúrgica de qualidades louváveis, ficamos atentos, sobretudo, para o encadeamento lógico-casual das partes, em que os fragmentos de espaço, tempo, ação, sustentam a obra. A não ser que estivéssemos diante de uma proposta contemporânea, mas não é o caso.

O diretor movimenta sua história no mesmo diapasão monocórdio da narrativa. Há uma complexidade na abrangência do material eleito que o encenador não aprofunda, criando marcas pouco expressivas, inocentes, afastando-se do universo avassalador, fétido, corrosivo, trágico, onde Nelson Rodrigues arquitetou personagens com raízes umbríferas.

Entretanto, a inteligência cênica de Bruce Gomlevsky impõe-se de tal forma que o espetáculo constrói-se na sua interpretação. Cada vez mais maduro, avança em dar vida aos ícones da cultura brasileira como Renato Russo, Raul Seixas, e agora explora com extrema sabedoria as ambiguidades, estranhezas, humores que o macrocosmo rodrigueano lhe conduz. O ator associa a dramaticidade potente à graça patética latente que nosso gênio da dramaturgia amalgamou, transitando com habilidade pelos vieses repletos de armadilha, por muitas vezes assemelhando-se fisicamente ao ho-



Dalton Valério/Divulgação

menageado. As cenas em que regula à plateia a aplaudir o sucesso e a vaia o fracasso são inebriantes.

Criativo, Nello Marrese apresenta uma engrenagem de tecido envolta em carretéis, metaforizando a estrutura interna da máquina de escrever, além de revelar uma imagem rubro-negra, numa alusão à paixão futebolística nacional, na qual Nelson era Tricolor inveterado. Trajando um estilo clássico, Maria Callou mantém a marca registrada do cronista. Elisa Tandeta acompanha com eficiência o projeto. E Lilliane Secco valoriza com elegância as angústias e proezas rodrigueanas com sua trilha original.

SERVIÇO

NELSON RODRIGUES - O PASSADO SEMPRE TEM RAZÃO

Teatro 2 - CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro)
Até 25/5, segundas, quartas e sábados (19h) e domingos (18h)
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

A inteligência cênica de Bruce Gomlevsky impõe-se de tal forma que o espetáculo constrói-se na sua interpretação

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Juliana Cerqueira/Divulgação



Quando a palavra falha

Marcella Dale apresenta o solo “Grito Mudo” no porão da Casa de Cultura Laura Alvim até o dia 21 de maio, com seis apresentações. O trabalho, com criação, dramaturgia e interpretação de Dale e supervisão artística de Toni Rodrigues, percorre os vazios que se instalam quando a palavra falha e o movimento resiste. Entre o desejo de desaparecer e a necessidade de existir, a cena se torna rito, abrigo e vertigem. Um solo que dança a ausência, rasga o tempo e transforma a dor em poesia visível, explorando memórias, silêncios e urgências.

Caio Galucci/Divulgação



A ira santa de Dona Lola

O ator Marcelo Médici está na comédia “Dona Lola”, em cartaz no Teatro dos 4 até domingo (17). A peça acompanha uma dona de casa cuja vida muda ao viralizar nas redes sociais através de vídeos postados pela neta. Incentivada pelas amigas, ela decide se apresentar no teatro mesmo sem possuir qualquer tipo de experiência como atriz. As presenças mais aguardadas na plateia são das amigas que a convenceram, mas por motivos distintos não comparecem à apresentação, resultando na ira de Dona Lola, que acaba expondo a vida delas.

Nil Caniné/Divulgação



O legado vivo de PMC

“Aurora – Uma homenagem à obra de Paulo Mendes Campos” está em cartaz, às terças e quartas (20h), no Teatro Poeira até 24 de junho. O espetáculo inédito, com idealização, roteiro e direção de Rodrigo Penna, homenageia o escritor Paulo Mendes Campos através de uma experiência teatral que dialoga com seu legado literário e artístico. No elenco, os atores Elisa Pinheiro, Kadu Garcia e Gustavo Damasceno com participação especial em vídeo de Lázaro Ramos, Rodrigo Penna e Julia Lemmert.

SEXTOU! UM RIO DE

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

Daniel Ebendiger/Divulgação

BALLET

LA FILLE MAL GARDÉE

✦ Um dos balés mais populares de todos os tempos está de volta em montagem concebida e coreografada pelo uruguaio Ricardo Alfonso. Com participação do Corpo de Baile e Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal. Até 22/5, sex e sáb (19h) e dom (17h). Direção artística de Hélio Bejani. Theatro Municipal (Praça Floriano, s/nº — Cinelândia). A partir de R\$ 30

SHOW

AMY REAGGAEHOUSE

✦ O projeto liderado pela cantora, compositora e multi-instrumentista baiana Clariana revisita o cultuado repertório da britânica Amy Winehouse (1983-2011) com releituras criativas com arranjos em formato de reggae, soul, jazz e música brasileira. Dom (17), às 17h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

JULIA VICTORIA

✦ A cantora e compositora apresenta as canções autorais que integram seu próximo EP autoral. Sáb (16), às 20h. Audio Rebel (Rua Visconde de Silva, 55 - Botafogo). R\$ 40

FERNANDA SANTANNA

✦ A cantora passeia pelos clássicos da bossa nova e da MPB com releituras de compositores consagrados como Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Carlos Lyra, Roberto Menescal, Baden Powell, Aldir Blanc e João Bosco. Sáb (16), às 21h. Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 35 - Copacabana). R\$ 70

ITO MELODIA

✦ Vem aí mais uma edição da Feijoada do Rival, sob o comando do grande intérprete do carnaval carioca. No repertório, clássicos do samba, composições próprias – como “A cigana” e “Amor de pai” – e, claro, sambas-enredo de todos os tempos. Dom (17), a partir das 13h. Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia). R\$ 70

TEATRO

O DRAGÃO

✦ Uma cidade sufocada há 400 anos sob o jugo de um dragão de três cabeças é o ponto de partida desta fábula política encenada pela Cia Ensaio Aberto. Até 8/6, de sex a seg (20h). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)



La Fille Mal Gardée

Daniella Mynssen/Divulgação



Sidarta

SIDARTA

✦ Angel Ferreira demole os arames farpados do moralismo neste monólogo inspirado nos escritos de Herman Hesse. Até 24/5, sex e sáb (19h) e dom (18h). Sede da Cia dos Atores (R. Manuel Carneiro, 12 - Santa Teresa). R\$ 90 e R\$ 45 (meia)

CARTAS PARA GONZAGUINHA

✦ Musical resgata as ideias do cantor e compositor, um porta-voz dos anseios brasileiros. Até 31/5, qui e sex (19h), sáb (17h) e dom (16h). Teatro João Caetano (Praça Tiradentes, s/nº — Centro). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

MEDEIA

✦ Este mito grego condensa amor, traição, ambição política e violência na mesma trama. Até 2/6, seg e ter (19h). Teatro Firjan Sesi (Av. Graça Aranha, 1). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

O CÉU DA LÍNGUA

✦ Numa de suas melhores atuações no palco, Gregorio Duvivier mostra que poesia pode ser prazerosa e divertida nesta ótima homenagem à nossa língua-mãe. Até 7/6, qui a sáb (19h) e dom (16h), com sessões extras em 16/5 (21h30) e 17/5 (18h30). A partir de R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

MUDANDO DE PELE

✦ Taís Araujo volta ao teatro em seu primeiro solo com direção de Yara Novaes. Até 24/5, qui e sex (19h), sáb e dom (17h). Teatro Sesc Ginástico (Av. Graça Aranha, 187). R\$ 60, R\$ 30 (meia) / R\$ 15 (sócios Sesc) e gratuito (PCG)

NA CASA DO RIO VERMELHO

✦ Imersão nos 56 anos de casamento entre Zélia Gattai e Jorge Amado, dois dos nomes mais importantes da nossa literatura. Até 24/5, sáb e dom (16h). CCJF (Av. Rio Branco, 241, Centro). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

EDIFÍCIO VERTIGEM

✦ O encontro de duas mulheres acaba em noite de confissões e acusações. Até 31/5, sex e sáb (19h) e dom (18h). Casa de Cultura Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

NOVAS DIRETRIZES EM TEMPOS DE PAZ

✦ Um imigrante polonês e um oficial da alfândega confrontam suas memórias. Até 28/6, qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104 - Botafogo). R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

Divulgação

Mundo Pixar

Um tigre nova-iorquino com listras brasileiras

‘Paper Tiger’, que pode dar a Palma de Ouro a James Gray, é produzida pela RT Features de Rodrigo Teixeira, parceiro brasileiro do cineasta em cults com Brad Pitt e Anthony Hopkins



Francois Duhamel/Divulgação

James Gray dirige Brad Pitt no set de ‘Ad Astra’



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Primero dos (dois) concorrentes americanos à Palma de Ouro de 2026 a passar pelo Palais des Festivals nesta competição é “Paper Tiger”, um thriller produzido pela brasileira RT Features, de Rodrigo Teixeira, mas dirigido por um nova-iorquino: James Gray. A RT e ele trabalharam antes em “Ad Astra” (2019), com Brad Pitt, e em “Armageddon Time” (2022), com Anthony Hopkins e Anne Hathaway.

Combinaram esforços ainda em uma live seminal, em plena pandemia. Essa nova sinergia entre o diretor de 57 anos e a empresa nacional por trás do oscarizados “Ainda Estou Aqui” (2025) e “Me Chame Pelo Seu Nome” tem Scarlett Johansson, Miles Teller e Adam Driver em seu elenco.

Fala de dois irmãos que se envolvem num esquema criminoso em plena década de 1980.

A passagem de “Paper Tiger” no

Palais de Cannes será neste sábado, sendo que o outro longa dos EUA, “The Man I Love”, de Ira Sachs, ficou para o dia 20. Neste mesmo 16/5, em que tenta sua sorte no balneário francês, Gray terá um de seus cults, “Os Donos da Noite” (“We Own The Night”, 2007), exibido na Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio (MAM-RJ), às 17h50. Tá rolando uma retrospectiva dele por lá. No domingo, às 18h, tem o obrigatório “Amantes” (“Two Lovers”), de 2008.

Dono de uma consagrada obra cinematográfica calcada na obstinação e na lealdade, Gray tem na RT uma aliada fortíssima. “Trabalhar com James Gray é muito prazeroso. Eu sempre fui fã dele como cineasta e hoje posso dizer que ele se tornou um grande amigo e um parceiro cinematográfico”, diz Teixeira no material promocional de “Paper Tiger”.

“Ad Astra: Rumo às Estrelas”, onde essas grifes se uniram, é uma sci-fi que foi indicada ao Leão de Ouro no Festival de Veneza e nomeada ao Oscar de mixagem de som. Pitt vive o astronauta Roy McBride, que embarca numa jornada pelo sistema solar a fim de reencontrar seu pai (Tommy Lee Jones) e impedir que uma massa de energia possa destruir a Terra.

“Gosto do efeito plástico, e em certa medida existencial, que viagens, no espaço ou no tempo, gera.

Scarlett Johansson em ‘Paper Tiger’, que concorre ao troféu mais disputado de Cannes



Divulgação



Anthony Hopkins e Anne Hathaway em ‘Armageddon Time’, de 2022

Creio que foi o diretor Edwin S. Porter, em “The Great Train Robbery”, quem fundou a percepção de que close-ups podem decifrar a alma humana e revelar muito sobre a nossa essência só com imagens. E o cinema existe pra isso. Eu fiz ‘Ad Astra’ sob a inspiração de um documentário que vi em 1989, ‘For all mankind’, que me revelou que não vemos a luz das estrelas do espaço. Daí ir até a luz”, disse Gray no Festival de Veneza, quando explicou ao Correio que sua forma de narrar

flerta com o intimismo e a construção afetiva de intimidade. “Todo mito... como toda grande narrativa... parte de um microcosmo”.

Estudado mundialmente pela precisão cirúrgica de seus planos, Gray fez fama no início dos anos 1990 ao conquistar o Leão de Prata do Festival de Veneza com “Fuga para Odessa”, dirigindo Tim Roth e Vanessa Redgrave. Passeou pela Berlinale com “Z: A Cidade Perdida”, em 2017, tendo Charlie Hunnam, Robert Pattinson e Tom Holland consigo. Antes, concorreu em Cannes ainda com “Era Uma Vez em Nova York” (2013) e “Caminho sem Volta” (2000), ambos com Joaquin Phoenix.

“Um bom filme é aquele que é honesto consigo mesmo em sua busca para ser uma narrativa genuína”, disse o realizador ao Correio, usando um lema com o qual Teixeira concorda.

Carioca de nascença radicado em São Paulo, este transformou a RT na mais prestigiada produtora brasileira hoje em atividade no mundo, tendo em seu currículo acertos como o terror “O Farol”, que saiu de Cannes, em 2019, com o Prêmio da Crítica. Na mesma data, a RT partiu da Croisette levando o Prix Un Certain Regard por “A Vida Invisível”, de Karim Aïnouz. Ele ainda participa de Cannes, via Quinzena de Cineasta, com “La Perra”, da chilena Dominga Sotomayor, com Selton Mello no elenco.

Neste domingo, um outro filme sobre crime pode mudar os rumos da disputa pela Palma de Ouro: “Hope”, do sul-coreano Na Hong-jin, onde um combate de proporções épicas sangra um vilarejo. Do que se viu até agora, em Cannes, “Nagi Notes”, de Koji Fukada, do Japão é o título mais sóbrio em sua realização.

O Festival de Cannes de 2023 segue até o dia 23 de maio.

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Num dos momentos de maior queda em sua carreira, ali pelo princípio dos anos 1990, quando parecia estar resumido a babá de nenéns dublados por Bruce Willis e Diane Keaton, John Travolta ajudou Quentin Tarantino a levar uma Palma de Ouro para o Estados Unidos, ao compor o elenco de “Pulp Fiction – Tempo de Violência” (1994). Foi em Cannes que aquela revolução narrativa nasceu, assegurando ao ator, uns meses depois, uma indicação ao Oscar. Era a segunda de sua carreira, pois concorreu à estatueta da Academia antes, em 1978, por seu requadrado como Tony Manero em “Embalos de Sábado À Noite”.

A Croisette sempre foi tiete de Travolta. Não por acaso, nesta sexta-feira, seu festival vai acolher o primeiro exercício dele por trás das câmeras: “Aventuras nas Alturas” (“Propeller One-Way Night Coach”). No fim deste mês, ali pelo dia 29, essa produção de uma hora estará na Apple TV. Cannes a confere antes.

Sua trama é ambientada na era de ouro da aviação, batendo cabeça para uma das paixões de Travolta: pilotar aviões. No filme, o jovem entusiasta de aeronaves Jeff (interpretado pelo estreante Clark Shotwell) e sua mãe (Kelly Eviston-Quinnett) partem em uma odisseia de ida pelo país até Hollywood, transformando um simples voo na viagem de suas vidas. Entre refeições nos ares, atendimentos dedicados de comissárias de bordo (interpretadas por Olga Hoffman e Ella Beau Travolta, filha do astro e diretor), escalas inesperadas, passageiros extraordinários e um vislumbre emocionante da Primeira Classe, essa travessia se desenrola na forma de momentos mágico,



‘Aventuras nas Alturas’, primeiro filme dirigido por John Travolta, estreia em Cannes nesta sexta e chega à Apple no fim do mês

Nos embalos de John Travolta

Aos 72 anos, o eterno Tony Manero, celebrado ainda como Danny Zucco e Vincent Vega, faz da direção uma nova trilha de reinvenção ao levar a Cannes ‘Aventuras das Alturas’



O eterno Tony Manero integra o elenco de seu debut como realizador, celebrando a aviação

traçando o rumo futuro do menino.

Em 2018, Travolta foi ao Festival para participar do chamado Rendez-vous, uma sabatina na qual estrelas e vozes autorais da realização revisitam seus legados. Este ano, Cate Blanchett e Tilda Swinton estarão nesse posto.

Recentemente, Travolta chamou a atenção da crítica com sua participação em “O Pastor”, filme de Natal da Disney+. Aos 72 anos, prepara-se para voltar ao circuito com “November 1963”, de Rolland Joffé (de “A Missão”), mas nem de

longe é capaz de arrancar a popularidade que alcançou na década de 1990, depois de viver Vincent Vega (e dançar Twist com Uma Thurman), sob a direção de Tarantino, em “Pulp Fiction” (1994). Até 2001, ele emplacou mais uma série de sucessos, a se destacar “A Outra Face” (1997), de John Woo. O êxito daquele momento foi quase tão grande quanto a coqueluche que ele produziu na Era Disco, como Tony Manero.

No Brasil, sua voz é indissociável do dublador Mario Jorge.

Enquanto isso, na Quinzena... rola pagode russo

Kanetmir Balagov nasceu em 1991, numa Rússia que se ergueu nos escombros da URSS. Talvez por isso, seu novo (e brutalíssimo) filme, “Butterfly Jam”, exibido na abertura da Quinzena de Cineastas busque as Rússias que se formaram pelo mundo em muitas diásporas, inclusive a fuga do comunismo em fase stalinista, chegando a espaços como Nova Jersey.

Lá se passa o novo trabalho do realizador de “Uma Mulher Alta” (“Beanpole”), longa que lhe valeu o prêmio de Melhor Direção e Láurea

Kanetmir Balagov se aproxima do universo masculino em ‘Butterfly Jam’

da Crítica na mostra Un Certain Regard de Cannes, em 2019. Numa trama ambientada nos EUA, ele chega mais próximo do universo masculino do que nos seus longas-



O coringa Barry Keoghan (à esquerda) amplia a popularidade de ‘Butterfly Jam’

-metragens anteriores, e desta vez em inglês. A projeção foi um estrondo no balneário, em parte pela presença estelar de Barry Keoghan, o novo Coringa da saga Batman com Robert Pattinson.

Foi o título mais festejado na cidade, desde que as luzes do festival se acenderam. “Butterfly Jam” segue os passos de Pyteh (Talha Akdogan), um adolescente eslavo de 16

anos, que vive em Newark, divide a vida entre os treinos de luta livre e o restaurante da família, que atravessa dificuldades financeiras. Quando o pai, interpretado por Keoghan, toma uma decisão impulsiva, o rapaz é forçado a confrontar-se com o crime.

“Queríamos abraçar o embaraço, porque acreditamos que o embaraço é uma forma de sinceridade”,

afirmou Balagov num papo com a plateia. “Acho que se tivesse feito este filme no Cáucaso do Norte o resultado teria sido muito semelhante no que toca às relações familiares. Sempre tento quebrar os estigmas associados às pessoas do Norte do Cáucaso e, ao mesmo tempo, mostrar à minha própria comunidade que podemos olhar para nossas questões de outra forma.” (R.F.)

De escriba oficial de Ken Loach a celebridade pop

Integrante do júri de Cannes, em 2026, Paul Laverty, roteirista escocês com duas Palmas de Ouro em seu currículo, toma a Croisette de assalto com suas reflexões políticas humanistas



'O Último Pub', de 2023, foi o trabalho mais recente do bamba do roteiro em Cannes



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Está agendada para o dia 19, no Cinéma de la Plage - seção ao ar livre de Cannes, feita na orla da praia -, uma projeção de "Terra e Liberdade" (1995) um dos poucos títulos dos últimos 30 anos que Paul Laverty não escreveu em

sua contínua parceria com o inglês Ken Loach. Apesar disso, desde a coletiva oficial do júri deste festival, na terça-feira passada, o roteirista oficial do mestre marxista tornou-se celebridade pop no balneário, com tiradas políticas dignas de nota.

"Eu venho de uma geração que estudou Grego na escola e, embora não me lembre de muita coisa, sei que as raízes da palavra 'política' remetem para o modo como tratamos o povo, como se cuida do bem-estar da população. A política é parte do ar que respiramos. Quem se diz apolítico está a agir de modo político", disse Laverty, que, no final da conferência, fez referência ao cartaz oficial do evento, com o rosto de Susan Sarandon e Geena Davis



Aos 69 anos, Paul Laverty fez sua história profissional no cinema ao lado de Ken Loach, a partir de 1996

em Thelma & Louise (1992), para aquecer uma polêmica global ligada ao Oriente Médio. "Susan, Javier Bardem e Mark Ruffalo foram para uma lista de desagravo em Holly-

wood por denúncias ao genocídio palestino. A minha solidariedade para com eles é total".

Formado em Filosofia e depois em Direito, o escocês nasceu em

Calcutá Paul Laverty, hoje com 69 anos, fez da América Latina das décadas de 1980 e 90 a arena para uma série de lutas sociais em prol de países marcados por ditaduras ou guerrilhas. Da Nicarágua, onde iniciou seu périplo, ele foi para El Salvador e, na sequência, partiu para a Guatemala. Após longa estadia entre as veias abertas do território de colonização hispânica, ele resolveu procurar Ken Loach, entusiasmado pela natureza marxista dos longas do diretor, a fim de lhe servir como consultor para um projeto que virou o filme "Uma Canção Para Carla" (1996), sobre a reinvenção de uma imigrante nicaraguense em Glasgow.

Aquela aproximação de Laverty com o audiovisual deu frutos, uma vez que Loach nunca mais o largou. Fizeram outras 15 produções já lançadas, incluindo os dois títulos que deram a Palma de Ouro ao realizador, respectivamente há dez e há 20 anos: "Eu, Daniel Blake" (2016) e "Ventos da Liberdade" (2006). O trabalho mais recente deles foi "O Último Pub" ("The Old Oak", que concorreu à Palma de Ouro em 2023. Deixou a Croisette com a menção honrosa do Júri Ecumênico.

Laverty é parte essencial da força política da estética de Loach, com seu fraseado curto, de reflexões alarmistas sobre a engenharia da exclusão no Velho Mundo. "Quem controla o poder é que decide como os algoritmos vão afetar as nossas vidas", cravou o bamba do roteiro, ao lado de seu colegiado de juradas e jurados, presidido pelo cineasta sul-coreano Park Chan-wook. Agitada por reviravoltas violentas, a dramaturgia de Laverty abraça a sociologia, combinando-a com o (melo) drama numa mistura perfeita.

Costa Rica em marcha

'Siempre Soy Tu Animal Materno' leva grife autoral de Valentina Maurel à Mostra Un Certain Regard

Quatro anos de colecionar prêmios, entre os festivais de Locarno e San Sebastián, com "Tinho Sonhos Elétricos" (exibido aqui via MUBI), a diretora Valentina Maurel agora que as lãureas de Cannes para seu país de berço, a Costa Rica. Defende sua pátria na competição paralela Un Certain Regard com "Siempre Soy Tu Animal Materno", agendado para sábado, no Palais des Festivals.

Na trama, Elsa, de 28 anos, que

passou um longo tempo na Europa, retorna para a América Latina e se reencontra com sua irmã mais nova, Amalia, de 20, que está se deixando levar por um caminho tão esotérico quanto existencial. Enquanto seu pai, Nahuel, busca segurança por meio de uma série de conquistas românticas e sua mãe, Isabel, dedica-se à reedição dos poemas eróticos de sua juventude, Elsa hesita. Deve tentar salvar uma irmã que se recusa a ser



'Siempre Soy Tu Animal Materno', longa sobre reencontros familiares, pode dar à Costa Rica o Prix Un Certain Regard

salva ou, por sua vez, fugir?

"O horror do machismo, com toda a violência que ele produz, nunca será rechaçado se a gente não falar dos homens com liberdade e com respeito", disse Valentina ao Correio da Manhã, antes de finalizar "Siempre Soy Tu Animal Materno". "O que me interessa é falar de gente, sem julgar ninguém, embora reconheça a tendência excludente de nosso continente na forma vigente do sexismo". (R.F.)



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Espaço de descoberta de novas vozes autorais, onde o Brasil fez barulho com “Levante” (2023) e “Gabriel e a Montanha” (2017), a Semana da Crítica é um dos mais antigos veios de Cannes - na paralela à luta pela Palma de Ouro - para a descobertas de joias do porte de “In Waves”. De CEP francês, mas com um coração vietnamita em seu peito (o da diretora Phuong Mai Nguyen), esse drama com um pé no mar e outro na morte, abriu as alas da Croisette para a animação. Seu pavimento é uma HQ homônima do surfista e artista gráfico AJ Dungo, lançada no Brasil pela Nemo e baseada em uma perda pessoal dele.

“Iniciei o projeto buscando fazer justiça ao estilo dele, porém, aos poucos, em resposta sensível às emoções em jogo, fui encontrando a minha voz”, diz Phuong Mai ao Correio da Manhã, na sede da Unifrance (órgão oficial de promoção audiovisual da França) em Cannes. “Eu vi muitos vídeos de surfê na concepção da narrativas, só que a minha produtora sempre me indicava o que considera ‘O’ filme de surfê mais importante de todos: ‘Caçadores de Emoção’. E é mesmo bom. Só que eu queria uma abordagem mais humilde do esporte”.

De um colorido dos mais acachapantes, “In Waves” é um filme que dói. Dói sobretudo por se deixar levar pelo inusitado, qual estivesse numa nau de autodescobertas. Em sua trama, Cannes navegou no amadurecimento do skatista AJ (interpretado na voz do multiartista Will Sharpe). Adolescente, o



Dois adolescentes se apaixonam na versão (homônima) para as telas da graphic novel ‘In Waves’, de AJ Dungo

Ondas da juventude

Baseada em HQ de tintas autobiográficas, ‘In Waves’ demarca um espaço de excelência para a animação na Croisette, ao abrir a disputa dos filmes que concorrem na Semana da Crítica

rapaz é apaixonado por desenho e por skate. Um novo benquerer se impõe em sua rotina no momento em que tromba com Kristen (na voz de Lyna Khoudri). Ela é uma surfista impulsiva, surpresa com a rala intimidade do rapaz com a água. Eles se encontram nas praias

californianas de Los Angeles. Entre os dois nasce uma relação intensa, construída entre tardes de chamego. Tudo flui até a descoberta de uma moléstia grave nas células de Kristen. Essa doença altera brutalmente o percurso desses enamorados, obrigando-os a confrontar a

fragilidade do Tempo.

“As principais viradas da história acontecem nos instantes em que nada é dito, deixando o mar dar o traço da catarse”, diz Sharpe ao Correio, sem se orgulhar de sua destreza ao surfar. “Da prancha eu não caio, mas não chamo

ninguém para ver como eu me saio nas ondas”.

Embora siga uma linha dramática de romance geracional (tipo “A Culpa É Das Estrelas”), “In Waves” dribla algoritmos mais populares e aposta num caminho existencial.

“É um romance no qual a escolha das cores reagem às distintas experiências das personagens”, diz Phuong Mai.

Na quinta, uma animação japonesa se fez notabilizar no coração de Cannes, via Quinzena: “We Are Aliens”, de Kohei Kadowaki. Em seu enredo, uma confusão aparentemente banal afeta para sempre a vida de um menino.

Entre os títulos animados mais esperados de Cannes em 2026, o que mais (e melhor) desperta a curiosidade local é “Jim Queen”, de Marco Nguyen e Nicolas Athané, sobre um vírus que transforma gays em héteros, contra a vontade deles.

A estética da difamação

Em ‘L’Abandon’, de Vincent Garenq, dá uma aula de política que promete fazer barulho ao longo de todo o ano

Na manhãzinha de quinta, seu terceiro dia de atividades, Cannes ganhou de presente do realizador Vincent Garenq uma aula de política que promete fazer barulho ao longo de todo o ano nos cinemas da França: “L’Abandon”.

O título pode até sugerir um enredo sentimental sobre amores largados, mas, na prática, o que se

vê é um thriller acachapante sobre as sequelas do atentado ao jornal Charlie Hebdo, em 7 de janeiro de 2015.

O roteiro escrito por Garenq e Alexis Kebbas não revive essa data trágica, mas, sim, uma outra tragédia dela derivada, em 16 de outubro de 2020, em Yvelines: a decapitação do professor Samuel



Guy Ferrandis/Outside films

Longa de Vincent Garenq aborda a morte de um professor de História que irritou grupos islâmicos ao debater a liberdade de expressão

Paty. O crime decorre de uma campanha difamatória por conta de uma aula na qual ele discutiu com turmas de diferentes origens culturais as caricaturas do “Char-

lie” que iritaram o Estado Islâmico.

Antoine Reinartz encarna Paty em madura atuação, hábil em especial na forma de deixar trans-

pirar o temor desse docente diante de ameaças. Foram as fake news que mataram Paty. É sobre elas que o longa trabalha, desmontando a microfísica mentira. (R.F.)

A Croisette ao alcance de um clique



Lar de produções premiadas no balneário em 2025, a plataforma MUBI faz mostra de Cannes em sua grade, com destaque para produções africanas

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

No feriado do Dia do Trabalhador, lá em primeiro de maio, a plataforma digital MUBI abriu a grade do mês com “Faça a Coisa Certa” (1989), de Spike Lee, prometendo uma mostra de pérolas com foco em Nova York, mas acertando nos festejos da programação de Cannes. O filme que deu fama de pilar das lutas antirracistas ao realizador de “Febre da Selva” (1991) teve seu parto na Croisette, em luta pela Palma de Ouro. Saiu sem nada do balneário pois o então presidente do júri, o alemão Wim Wenders, considerou o gesto de Spike provocação sem proposição. Foi necessário o tempo corrigir essa impostura.

O www.mubi.com endossa essa correção ao abrir uma nova frente para esse cult, ao mesmo tempo em que resgata outras preciosidades com o selo Cannes de qualidade. “Tudo Sobre Minha Mãe” (1999), sucesso que repaginou a obra de Pedro Almodóvar, é uma das gemas desse garimpo online.

O filé desse streaming é uma seleção de títulos egressos de di-



Divulgação



Divulgação

O jovem Spike Lee já dizia para a Croisette ‘Faça a Coisa Certa’... agora repete essa máxima à MUBI

‘Bamako’ veio do Mali, com DNA mauritano, em 2006



Divulgação

Monangambé levou Sarah Maldoror à Quinzena de Cannes, em 1971



Divulgação

Paolo Sorrentino fez de Sean Penn um astro do rock em queda no tocante ‘Aqui É o Meu Lugar’, lançado em 2011

Lá conhece Miloud, um louco visionário que vagueia pelos cemitérios. A Segunda Guerra Mundial eclode em meio aos desdobramentos da rotina laboral de Ahmed, que vê sua família ser levada por uma epidemia de tifo. Haja resiliência!

Francesca de origem caribenha, celebrizada como griot (contadora de histórias) em andanças pelas Áfricas, Sarah Maldoror (1929-2020) passou na Quinzena de Cineasta de Cannes, em 1971, o curta-metragem “Monangambé”. Ali, narra os abusos dos traficantes de escravizados portugueses em sua colônia de Angola por meio da tortura de um prisioneiro, fundamentada na ignorância e na incompreensão. Tá na MUBI já. Estrearam por lá ainda “Abouna – Nosso Pai” (2002), do chadiano Mahamat-Saleh Haroun, e “A Escolha” (1987), do burquinense Idrissa Ouedraogo (1954-2018), duas celebridades e solo cannoise.

Duas produções dirigidas pelo italiano Paolo Sorrentino (de “A Graça”) com atores americanos e ingleses em destaque em suas trupes, baterão ponto na MUBI no próximo dia 15. Lá estarão, neste maio, por que é tempo de Cannes. Ambas disputaram a Palma de Ouro. “Aqui É o Meu Lugar” (“This Must Be The Place”, 2011) traz Sean Penn como um roqueiro à la The Cure que se mete numa cruzada de vingança contra criminosos nazistas. O visual do ator, com franjinha a cair no olho, é um achado. Já “Juventude” (“Youth”, 2015) põe dois amigos octogenários, um maestro (Michael Caine) e um cineasta (Harvey Keitel), a curtirem a velhice num spa.

A penúltima estreia na MUBI deste mês, o arrebatador “O Dia De Peter Hujar” (“Peter Hujar’s Day”), não nasceu em Cannes, e, sim, em Sundance, com batismo na Berlinale. No entanto, seu diretor, Ira Sachs, está em concurso na Croisette este ano, com “The Man I Love”, cujo roteiro é do carioca Maurício Zacharias. A trama de Hujar, lá de 2025, é um drama afetivo sobre cumplicidade que ampliou o prestígio de um outro profissional brasileiro, seu montador, o paulista Affonso Gonçalves, que editou “Ainda Estou Aqui”. Essa reconstrução da cena cultural nova-iorquina da década de 1970, centra-se no convívio entre a escritora Linda Rosenkrantz e o fotógrafo Peter Hujar (1934-1987), vividos por Rebecca Hall e Ben Wishaw. Sua força vem da edição meticulosa de Affonso.

Indicado ao Oscar, “Foi Apenas Um Acidente”, do iraniano Jafar Panahi, ganhou a Palma de 2025 e hoje está na MUBI. Ao lado dele figura o norueguês “Valor Sentimental”, que rendeu a Joachim Trier o Grande Prêmio do Júri na Côté d’Azur

ferentes locais da África que se fizeram notabilizar via Cannes. “Bamako” (2006) compõe o bonde. O mauritano Abderrahmane Sissako assina adireção, narrando o calvário de Melé, uma cantora de barzinho prestes a perder seu casamento, por falta de amor. Uma batalha política contra o FMI envolvendo vizinhos de seu conjunto habitacional chacoalha seu cotidiano.

Vencedor da Palma de Ouro de 1975, o argelino Mohammed Lakhdar-Hamina (1934-2025) vai para o rol da MUBI com o longa que o imortalizou “Chronique Des Années De Braise”, aqui traduzido como “Crônica dos Anos de Fogo”. No roteiro desse drama, Ahmed, um pastor pobre, deixa sua aldeia na Argélia com a esposa e os dois filhos para ir para a cidade se juntar ao primo Kouider, em busca de uma vida mais fácil. Ele consegue um emprego em uma pedreira, onde descobre a miséria e a injustiça.

Praia & serra & hotéis sesc RJ & VOCÊ

Preços que cabem no seu bolso e parcelamento em até 10x sem juros



PRAIA

Hotel Sesc

**GRUS
SAÍ**



PRAIA

Hotel Sesc

**CABO
FRIO**



PRAIA

Hotel Sesc

**COPA
CABA
NA**



PRAIA

Hotel Sesc

**PARA
TY**



SERRA

Hotel Sesc


**NOVA
FRIBUR
GO**



SERRA

Hotel Parque Sesc

**NO
GUEI
RA**



SERRA

Hotel Sesc

**ALPI
NA**

Vem viver momentos
inesquecíveis nos
nossos hotéis.

Reservas: (21) 4020-2101

@sescrj



LEIA O QR CODE
E CONHEÇA OS
HOTÉIS DO SESC RJ.



A maior marca
de bem-estar
social do RJ.

GASTRONOMIA | NATASHA SOBRINHO

(@RESTAURANTS_TO_LOVE) ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Traga seu vinho (e seja feliz)

Restaurantes cariocas que adotam a rolha free entram no radar após debate sobre cobrança reacender discussões sobre vinho, serviço e experiência



Francese Brasserie

Rodrigo Azevedo/Divulgação



Churrasqueira

Divulgação

A discussão recente envolvendo o cantor Ed Motta e a taxa de rolha cobrada em um restaurante carioca reacendeu um debate antigo entre clientes e restaurantes. Enquanto algumas casas defendem a cobrança pelo investimento em sommeliers, adegas climatizadas e cartas de vinho elaboradas, outras apostam na política de rolha free, modelo bastante comum em restaurantes europeus e cada vez mais valorizado por quem gosta de levar à mesa uma garrafa especial da própria coleção. No Rio, a prática já faz parte da identidade de alguns endereços que preferem transformar o vinho em uma experiência mais afetiva, livre e personalizada. Pensando nisso, o Correio da Manhã preparou uma seleção de restaurantes cariocas, que não cobram rolha. Confira abaixo:



Royal Grill

Alex Woloch/Divulgação



Eme Arte e Gastrô

Diana Cabral/Divulgação



Babbo Osteria

Divulgação



Pobre Juan

Divulgação

BABBO OSTERIA - O restaurante italiano do chef Elia Schramm, oferece rolha free para os clientes que quiserem levar seus próprios vinhos. Entre os destaques do menu estão a Crochetta di Salsiccia (R\$ 39), o Ragù di Manzo (R\$ 79), com pappardelle fresca e carne cozida no vinho tinto por 12 horas, e o clássico Tiramisù (R\$ 39). Rua Barão da Torre, 632, Ipanema. Contato: @babboosteria

CHURRASQUEIRA RIO - Localizada em Ipanema e sob o comando do chef João Zuddio, a casa de carnes na brasa não cobra taxa de rolha. O cliente pode levar seu vinho favorito para harmonizar com pratos como o Fraldinha Prime (R\$ 358,90/kg), acompanhada de arroz de costela e cebola palha; o Assado de Tira (R\$ 289,90/kg), clássico argentino de sabor marcante; e o Torresmo de Rolo (R\$ 82,90), crocante por fora e suculento por dentro, além de outras receitas. Rua Viniçius de Moraes, 130, Ipanema. Tel: (21) 3689-1009.

EME ARTE E GASTRÔ - A casa também não cobra taxa de rolha, permitindo que o cliente leve sua própria garrafa de vinho para harmonizar com os pratos da casa, sem custo adicional. Localizado no coração do Centro do Rio, o restaurante apresenta um menu assinado pelos chefs Bottino Natale e Kelly, com opções como o clássico Milanesa de Mignon com salada de batata (R\$ 106), a elegante Cavaquinho grelhada com risoto de limão siciliano (R\$ 124,70) e a tradicional Lasanha à bolonhesa (R\$ 79,50), receitas que unem sabor, técnica e sofisticação. Rua do Carmo, 55 - 1º andar - Centro. Tel: (21) 99989-3408.

FRANCESE BRASSERIE - O mais recente restaurante do chef Elia Schramm, também trabalha com rolha free em um ambiente de inspiração parisiense no coração de Ipanema. Entre as sugestões da casa estão o Petit Tartare (R\$ 56), o Le Cordon Bleu (R\$ 68), o Poisson "Ferme du

Pré" (R\$ 88) e a sobremesa Pain Tatin (R\$ 37). Rua Barão da Torre, 472, Ipanema. Contato: @francese.brasserie.

POBRE JUAN - Na casa de carnes carioca o cliente tem a primeira rolha free. A partir da segunda, R\$120. Endereço: Av das Américas 3900, loja 301 - Barra da Tijuca. Tel: (21)3252-2637.

ROYAL GRILL - O cliente que for para jantar na casa de carnes, na Barra da Tijuca, não paga taxa de rolha se quiser levar seu próprio vinho de casa. Perfeito para grupos que gostam de experimentar novidades entre amigos. No almoço, o cliente também pode levar seu próprio vinho e a primeira garrafa não tem cobrança da taxa de rolha. A partir da segunda, a taxa é cobrada. Av. Ayrton Senna, 2150 - Bloco G, Lojas B e C - Barra da Tijuca. Tel: (21) 3325-6166.